

Folha de S. Paulo  
27-III-1985

Tradutor dos  
"Ensaaios" de Montaigne,  
o erudito José Maria  
de Toledo Malta escreveu,  
com o pseudônimo de  
Hilário Tácito,  
"Madame Pommery",  
uma bem humorada crônica  
da alta prostituição  
da cidade de São Paulo  
no início do século.



## O centenário de Toledo Malta

ERNANI SILVA BRUNO

Especial para a Folha

José Maria de Toledo Malta — cujo centenário de nascimento se passa hoje, dia 27 — não foi apenas o engenheiro especializado na técnica do cimento armado que trabalhou na construção de muitos prédios paulistanos, inclusive o edifício Martinelli. Foi também um humanista e um erudito, tradutor dos "Ensaaios" de Montaigne. E que (escondido sob o pseudônimo de Hilário Tácito) escreveu "Madame Pommery", crônica bem humorada da alta prostituição em São Paulo nas primeiras décadas deste século.

Contava o escritor Leo Vaz que, às vésperas da publicação de "Madame Pommery", que ocorreu em 1920, anunciava-se este livro como algo escandaloso, denunciando contravenções conjugais de conhecidos figurões da alta sociedade paulistana no tempo. E que por isso, quando ele apareceu nas livrarias, teve rapidamente esgotada sua primeira edição. Mas não tardaram as decepções dos compradores, porque "Madame Pommery" não revelava, na dosagem esperada, o "sal grosso" aguardado pelos apreciadores do chamado "gênero livre".

Era, de resto, o que dava a entender o registro bibliográfico da "Revista do Brasil", de junho de 1920. Que o assunto era escabroso: "Por manhas e artimanhas de tal matrona (Madame Pommery) formou-se uma escola nova de extorquir dinheiro aos homens por meio de pele feminina e eflúvios de champanha". Mas que, por arte do autor, "o mais arrepiado moralista" poderia ler o livro, sem cara feia.

O tema da obra de Hilário Tácito era mais especificado em um artigo de Lima Barreto. A personagem que dava nome ao livro — explicava o escritor —, com o auxílio de um "coronel" ricoço, montara em São Paulo uma espécie de usina central produtora e transformadora da prostituição. Chamou-a de "Au Paradis Retrouvé" e baniu dali a popular cerveja, substituindo-a pela sofisticada champanha. "Iniciava sua missão heróica nas terras do Tietê..." Porque se converteu em educadora e afinadora do comportamento dos jovens ricos. Cursar o "Paradis Retrouvé" ficou sendo, no conceito geral da gente fina, um título de merecimento "e remate indispensável de toda a educação aprimorada".

Funcionava tal pensão — nas palavras de Hilário Tácito — em vistoso e largo sobradão da Praça Paesandeu e canto da rua D. João (obviamente, o Largo do Paissandu e a avenida São João), "bem no alto da zona dos teatros e demais antros noturnos".

O livro valia sobretudo — na opinião de Lima Barreto — pela suculenta ironia de que estava recheado, uma ironia muito complexa, "que ia de simples malícia ao mais profundo 'humour' em que assentava o fundo de sua inspiração geral".

Outro crítico da época — o rio-grandense João Pinto da Silva — notava que o livro seduzia menos pelo assunto em si que pela habilidade do autor em criar situações cômicas e desencontradas. Mas errava, provavelmente, (o crítico) ao escrever que, "sob seu aparente amoralismo cínico", a obra se

configurava também como "forte lição de moral" — o que não parecia ser o propósito de Hilário Tácito.

Ao prefaciá-lo, há oito anos, a reedição desse livro, promovida pela Academia Paulista de Letras, o crítico Osmar Pimentel recolocou a obra do Toledo Malta em suas exatas proporções, observando que "Madame Pommery" não tem a estrutura tradicional do romance, afigurando-se mais um misto de crônica e de memorialismo, ambientado na capital de São Paulo das primeiras décadas do século. "Livro exemplar pelo estilo, pela riqueza de observação psicológica, pela densidade de anotações sociológicas e até por certa feição de ironia compassiva que se pode tornar, às vezes, em metáforas poéticas". A personagem principal — diz Pimentel — é apenas pretexto para que venha à tona uma crítica bonachona, mas contundente, da sociedade dos coronéis e políticos da chamada civilização do café.

Na verdade, o livro reflete uma faixa muito restrita da vida paulistana do começo do século — e sua qualidade maior está no estilo muito pessoal do autor, cuja linguagem se reveste em geral de um arcaísmo virtuosístico que, no entanto, não faria discípulos na ficção paulista ou brasileira, já então em busca de uma expressão renovadora. Mas é evidente que o livro de Tácito ficou inscrito com destaque na história da prosa literária de São Paulo, como forte componente da etapa pré-modernista assinalada também pelas obras de Valdomiro Silveira, de Leo Vaz e de Monteiro Lobato.